



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

História, memória e imaginação

Margaret Mascarenhas

Para citar este documento / To cite this document:

Margaret Mascarenhas, "História, memória e imaginação", *Colóquio/Letras*, n.º 177, Maio 2011, p. 171-175.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

História, memória e imaginação

MARGARET MASCARENHAS

VIVO EM GOA há mais de quinze anos. É um sítio cheio de beleza, história e romance — qualidades que se podem encontrar entre as ruínas, relíquias e vestígios culturais de uma miríade de civilizações que dominaram a região ao longo dos séculos. A mitologia hindu situou em Goa episódios de aventuras heróicas e histórias de amor dramáticas entre deuses e deusas. Alguns investigadores acreditam que Goa inspirou pelo menos um dos reinos encantados nas histórias das *Mil e Uma Noites*. O carisma histórico desta região rivaliza com o do mítico El Dorado, e não foi por acaso que os conquistadores portugueses lhe chamaram «Goa Dourada».

O meu primeiro romance, *A Cor da Pele**, foi inspirado pelos resquícios dramáticos do período colonial português. No decurso da minha investigação, mergulhei mais profundamente no passado, descobrindo que as enseadas naturais de Goa a colocaram originalmente no mapa do mundo como um dos portos mais importantes na história marítima, isto muito antes da chegada dos portugueses. Os pratos de cobre da dinastia de Kadamba ilustram, pelo menos desde o século XI, o imponente estatuto de Goa como um centro mercantil. Durante séculos, os navios navegaram livremente em direcção ao seu porto, carregados de finos tecidos, jóias, metais preciosos, especiarias, perfumes. Com a conquista muçulmana, erigiram-se magníficos palácios e mesquitas no porto e arredores. Chegaram caravanas de outras partes da Ásia, transbordantes de bens indígenas para trocar por cavalos árabes, armas e escravos.

No início do século XVI, Afonso de Albuquerque conquistou Adil Shah, tomando Goa e assim fracturando o monopólio do comércio árabe. O extenso comércio de escravos e as actividades de trabalho forçado do império português, tanto dentro como fora de Goa, estenderam-se até ao século XVIII, criando muitas das culturas diaspóricas até hoje existentes. *A Cor da Pele* é sobretudo sobre diáspora, deslocação, identidade e raízes.

Durante muitos meses, debruicei-me sobre livros de história e arquivos, tentando captar o espírito do período colonial. Ao fechar os olhos, vislumbrava catedrais, conventos e vastas praças emergindo dos escombros de túmulos e templos arrasados — um esforço sísmico mas mal sucedido de expurgar completamente as influências do passado. Via os meus antepassados hindus a salvar as suas divindades, levando-as em segredo para fora de perigo. Consultei, nos arquivos do governo local, as listas dos escravos comprados e, na minha imaginação, cruzei um oceano como escrava desde Angola, para integrar a enorme massa de trabalhadores braçais necessária para se construir a Roma do Oriente.

Os monumentos que sobrevivem do período colonial atestam no seu mutismo a enorme riqueza e esplendor da região, no pico do império lusitano. Na minha escrita, ficcional ou não, trato com frequência questões de poder, real e metafórico. Talvez venha daí o meu fascínio pelas fortificações.

Construído em 1612, o Forte Aguada ocupa grande parte da península, na ponta sudoeste de Bardez, onde reina um extraordinário número de pavões. Situado no planalto de Sinkerim, na foz do rio Mandovi, domina uma vista espectacular do Mar Árabe, tendo constituído a principal defesa dos portugueses contra os piratas marata e os holandeses. Presumivelmente, chamaram-lhe «Aguada» devido à sua localização e às três nascentes de água doce existentes no seu interior. A zona do forte onde se encontra a maior nascente é utilizada como prisão e entre 1946 e 1961, durante o regime de Salazar, aí esteve detida a maior parte dos revolucionários goeses e dos apoiantes dos movimentos nacionalistas indianos. Hoje, aloja criminosos, sendo conhecida como a Prisão Central de Aguada.

Junto aos portões que dão acesso à área prisional, encontra-se a estátua de uma mulher de braços erguidos, como se quebrassem os grilhões da escravidão; ao seu lado, está a estátua de um homem segurando um corpo desfalecido nos braços. Num toque algo incongruente, visto tratar-se da entrada de uma prisão, há também uma inscrição comemorativa daqueles que lutaram pela liberdade.

O formidável passadiço que atravesso todos os sábados é formado por muralhas paralelas e liga a cidadela ao ancoradouro em baixo, onde se situa a prisão. Existe lá dentro uma capela antiga, dedicada a Nossa Senhora da Boa Viagem. É aqui que agora ensino quinze reclusos a escrever. Sentados no chão desta pequena capela, abrimos juntos a única janela sem grades, a janela da imaginação. Ao longo do último ano, tenho visto o mundo dos reclusos expandir-se para além do espaço confinado, da luz limitada e das estreitas perspectivas da cela da prisão. Embora anómala ou velada, a vida na prisão

tem um significativo e poderoso efeito na natureza do trabalho criativo, que, no caso daqueles a quem ensino, nunca é marcado pela autopiedade nem pela violência, antes, amiúde, pelo vigor e pela lucidez. Para mim, isto significa que a realidade da prisão — o desejo de escapar à atmosfera opressiva e ao tédio absoluto do encarceramento —, embora infeliz, também pode ser favorável. A Prisão de Aguada não é Abu Ghraib. No entanto, os meus alunos prisioneiros não podem sair fisicamente e talvez seja isso mesmo que os torna singularmente aptos a viajar pela imaginação, invocando assim o processo criativo.

Para mim, o processo criativo implica pisar a linha entre o consciente e o inconsciente, o visível e o invisível, o privado e o público, o passado e o futuro. É uma forma reparadora de autocomunhão, onde olhar para dentro nos pode conduzir para fora. Quando me debruço sobre mim, num esforço para agarrar a minha essência, encontro um punhado de ingredientes — vislumbres, sons, cheiros, sentimentos, sonhos, ideias — que mudam e se alteram na palma metafórica da minha mão. E imagino que isto não seja assim tão surpreendente ou inusitado, nem sequer restrito a mim, visto a identidade, tal como a cultura, nunca ser estática.

Nasci no Hospital da Universidade de Michigan, em Ann Arbor, nos EUA, um ano antes de Goa se tornar parte da Índia. Venho de uma família nuclear clássica, composta por mim, pelos meus pais e pela minha irmã mais nova, a Fernanda. As primeiras histórias para adormecer de que me lembro, contadas pelo meu pai, falavam de um sítio mágico chamado Goa, onde as pessoas viviam em grandes famílias alargadas, que tudo partilhavam, e faziam todos os dias piqueniques picassianos em praias com areia como açúcar, ou sentavam-se na clareira junto ao farol da Aguada, olhando as estrelas e contando histórias de fantasmas em noites de lua cheia — uma prática que eu iria recuperar na minha adolescência, com primos e amigos.

Duvido que o meu pai tivesse quaisquer ideias preconcebidas em nos familiarizar, a mim e à minha irmã, com a nossa herança goesa; provavelmente eram saudades. De qualquer modo, quando eu e a minha irmã crescemos o suficiente para viajar, ele começou a levar a família a Goa de dois em dois anos. O resultado foi eu ter ficado presa a Goa desde muito nova.

Tinha seis ou sete anos a primeira vez que cobrimos a longa distância entre Nova Iorque e Bombaim, na Air India. Apanhámos um voo para Goa no dia seguinte. O aeroporto era um barracão improvisado e as nossas malas foram descarregadas para a pista. O tempo estava quente e húmido e o ar sabia a sal molhado. Os irmãos mais novos do meu pai foram-nos buscar, no seu Ambassadors verde claro, agora um carro de coleção. Antes de deixar-

mos a zona do aeroporto, parámos num barzinho, onde eu e a minha irmã bebemos um refrigerante e os adultos cerveja local.

O que mais me marcou na interminável viagem de automóvel desde o aeroporto foram as incríveis extensões de verde, a perder de vista. Mesmo sendo tão nova, foi de cortar a respiração. Enquanto esperávamos pelo *ferry*, os adultos beberam mais cerveja. Depois da travessia, houve ainda outra paragem para cerveja. E quando chegámos a Pangim, os meus tios estacionaram à frente do Olympics Bar, a umas centenas de metros da residência urbana dos meus avós, para mais cervejas. Nunca vira os meus pais consumirem tais quantidades de cerveja; pareciam muito contentes, capazes de continuar a beber cerveja eternamente. Mas quando a minha irmã fez uma senhora birra, por pura exaustão, e se pôs a gritar «Quero ir PARA DENTRO de Goa!», querendo dizer com isto para dentro de uma casa, eles decidiram completar rapidamente o último troço da viagem.

Quando por fim chegámos a casa dos meus avós, o meu tio-avô Jorge, a minha tia-avó Olga e o seu filho Álvaro estavam com eles à nossa espera. Fomos cobertas de beijos e todos os recém-descobertos membros da família se revezaram para nos pegar ao colo, a mim e à Fernanda. Depois, o tio Jorge entreteve-nos com sombras chinesas na parede.

Assim, as minhas primeiras memórias de Goa, de *goedade*, são o calor, o cheiro a cerveja e ar salgado, os risos e conversas animadas em português e concani de uma série de estranhos e a sensação de estar envolvida numa imensa manta de amor, que as disputas de propriedade e o alcoolismo, tribulações comuns na abastada aristocracia rural da zona, iriam despedaçar ao longo dos anos. Lembro-me de Naguesh, o leal Sexta-Feira do meu avô, no seu imaculado *dhoti* branco, que me trazia cocos tenros para comer. E de Muncu, a minha aia esquizofrénica, que me protegia do mau olhado e falava em sete vozes diferentes. Mas as melhores memórias são da casa de Verão dos meus avós, na aldeia de Anjuna, envolvendo um complexo processo de embalar pratos e panelas, provisões e as galinhas da minha avó, e onde por vezes se chegavam a juntar trinta pessoas — entre tias, tios e primos — para rir, contar histórias e dançar antes do jantar.

Embora adore romance, não sou romântica; e desde que ensino numa prisão tenho mais consciência do que muitos do sórdido submundo de Goa. Ao longo dos anos, tenho vindo a assistir a um perturbador aumento da criminalidade, à constante exploração das encostas e à pilhagem das florestas pelos construtores, à poluição dos rios e das zonas costeiras, à demolição de edifícios históricos, à diminuição da qualidade da educação oferecida às crianças, à crescente comunalização da população, a um influxo

exponencial de pessoas de outras regiões e culturas, incluindo a máfia russa. Historicamente, Goa sempre foi uma presa cobiçada, motivo de lutas e conquistas. Aparentemente, continua a ser.

A Goa resplandecente dos meus livros de História desapareceu há muito. E embora possa adiar o seu funeral por mais algum tempo, na minha aldeia tranquila, longe da zona turística, a Goa da minha juventude desvanece-se rapidamente. O que resta é uma impressão sincrética de Goa inscrita no meu corpo, tingida pela memória e pela imaginação.

[Tradução de Diana Almeida]

NOTA

- * *Skin*, Nova Deli, Penguin India, 2001; trad. port. de Maria do Carmo Romão: *A Cor da Pele*, Lisboa, Replicação, 2006 (n. da t.).